



## **O remo em Campinas: Clube Campineiro de Regatas e Natação e as novas relações com a natureza (1918-1935)**

**Palavras-chave: Remo; Clube Campineiro de Regatas e Natação; História do Esporte**

**Autora:**

**Catharina Ulian Musa (Unicamp)**

**Orientadora:**

**Carmen Lúcia Soares (Unicamp-FEF; CNPq-CA-ED)**

---

### **INTRODUÇÃO**

O remo foi difundido no Brasil desde o fim do século XIX e início do século XX. Praticado em praias brasileiras, bem como em rios que banham o país, o remo pertenceu a uma categoria de prática múltipla, seja como divertimento, competição, meio de transporte ou, ainda, trabalho. Esta pesquisa analisou a prática do remo e as competições de regatas em Campinas, cidade que se desenvolveu economicamente pela cultura do café e que demonstrou signos de modernidade. Entre estes, podemos destacar a valorização da natureza e de seus elementos, incorporando ideias e ideais que consolidaram práticas realizadas ao ar livre como era o caso do remo. Essa nova relação do ser humano com a natureza emergiu no Brasil no final do século XVIII, e, sobretudo, ao longo do século XIX e começo do século XX, em que se consolidaram e ampliaram-se ideais de valorização dos elementos naturais “como lugares de cura, de divertimento, de educação e, para além dos muros escolares, [produziram] efeitos sobre os indivíduos e a sociedade” (SOARES, p. 18, 2016).

Na cidade de Campinas, em consonância com este ideário, teve início a construção do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, às margens do Rio Atibaia. Em relação a essa prática que deu nome ao clube e que se constitui em nosso tema de pesquisa, o remo consiste em uma prática referente ao ser humano que conduz o barco, dando destaque para seu vigor e sua forma física. Além disso, é importante destacar que as práticas aquáticas eram discernidas como símbolo da modernidade na cidade, uma vez que faziam parte de novas representações e relações com a natureza e seus elementos como marcas de progresso da vida urbana em desenvolvimento. O Rio Atibaia tornou-se, assim, um lugar que ampliava

as práticas de divertimento já existentes, além daquelas que compunham o mundo do trabalho, assinalando traços de uma *cultura física*<sup>1</sup> na cidade.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico e documental, tomou como fontes a imprensa local (revistas e jornais), fotografias, livros de memorialistas, atas e documentos oficiais do clube. Nossas fontes necessitam ser entendidas não apenas como uma singularidade do que se lê ou vê, mas sim como uma complexidade de intermediários que as precedem:

É certamente impossível estudar o passado sem a assistência de toda uma cadeia de intermediários, incluindo não apenas os primeiros historiadores, mas também os arquivistas que organizaram os documentos, os escribas que os escreveram e as testemunhas cujas palavras foram registradas. (BURKE, p. 23 e 24, 2004)

Dentre a fundamentação teórica e metodológica, o trabalho apoiou-se em Bloch (2001) e Le Goff (2003), sobre os entendimentos acerca da história e do historiador; Chartier (1991), para entender o conceito de prática e representação; Bourdieu (1983; 2007), autor fundamental para entendermos as relações do ser humano com as práticas esportivas em ascensão na época; Lapa (1996), para os estudos sobre a cidade de Campinas; Kirk (1999), para o entendimento e debate sobre a *cultura física*; Soares (2016), para a discussão acerca das práticas corporais em meio à natureza; Thomas (1989) e Williams (2011), autores centrais para a compreensão das transformações da sensibilidade dos seres humano em relação à natureza e, por fim, Siqueira (2009), que toma o *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, as relações com o ambiente aquático e novas práticas corporais como objeto de seu estudo de Mestrado.

## **DISCUSSÃO**

Com relação aos resultados, primeiramente temos uma análise de como o clube à beira rio, naquele contexto e período, se tornou o cenário ideal para novas e inéditas aproximações do ser humano com a natureza em Campinas, tendo a água como seu elemento principal. O Rio Atibaia era palco de

---

<sup>1</sup> Conforme os estudos de Kirk (1999), trata-se de um conjunto de amplo espectro de discursos acerca do corpo e de práticas que se realizam pela expressão física. Sobre o uso desse conceito no Brasil ver, entre outros, Moraes e Silva; Soares e Quitau (2018a) e Moraes e Silva e Quitau (2018b).

inúmeras e diversificadas práticas como banhos, regatas, nado e também passeios e piqueniques em suas margens. Além disso e antes mesmo de todas essas novas práticas se estabelecerem, o rio já era utilizado para outros fins, dentre eles a pesca, indispensável para o sustento da vida dos habitantes de seu entorno.

O conjunto de práticas aqui citadas, assim como outras em que a presença de um clube à beira rio possibilitou, se inserem no âmbito de uma *cultura física* presente naquele contexto. O cotidiano clubista era repleto de uma gama de práticas que traziam alegria e divertimento a quem esteve ali presente. No que tange às competições do *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, podemos identificar a *cultura física* no extrato que segue publicado na revista “A Onda”:

Após as provas de atletismo, a que se concorreram diversos atletas d’aquela florescente associação, e que constituíram em saltos á vara, comprimento e altura, dardo e disco, e corridas razas, realizou-se o curso náutico, tomando n’elle parte diversos barcos artisticamente ornamentados. Á tarde houve um animado baile campestre, que, dentro de grande animação, prolongou-se até ás 23 horas.” (REVISTA A ONDA, nº 20, n.p., 1922)

E quem remava nos primórdios do clube? Essa foi outra questão que analisamos neste trabalho e que levou a diversos debates fundamentais para a história regional do esporte em Campinas. O remo era uma prática que dava destaque ao músculo e à forma física, traduzindo “o tipo de corpo e o caráter desejado para alcançar estes novos ideais (*de modernidade*)” (SIQUEIRA, p. 21, 2009). Podemos observar na Figura 1 o tipo de vestimenta usada no remo, a regata e a bermuda, que dava aos seus praticantes, a mobilidade necessária para oscilar o remo, além de evidenciar seus corpos musculosos, desenvolvidos nas movimentações da prática.

Figura 1 – Barco a remo e remadores



Fonte: Coleção GSJ – Centro de Memória da Unicamp. Campinas, SP, [1923].

Por fim, seguindo na linha da discussão sobre os praticantes de remo, analisamos a presença, ou, mais propriamente a ausência das mulheres no contexto do clube naquele período. Conforme analisou Goellner, 2005, o acentuado conservadorismo era característica marcante da sociedade brasileira e, dessa forma, se verificava a quase total proibição de participação feminina em atividades públicas, dentre elas as esportivas (GOELLNER, 2005). Se a partir do século XX a presença das mulheres nas práticas corporais ganha mais visibilidade, as dificuldades encontradas por elas para se afirmarem em espaços públicos e no mundo esportivo ainda permanecia. Em nossas fontes, mesmo que em rara recorrência, constatamos que no *Clube Campineiro de Regatas e Natação*, em 1921, foram noticiadas provas de regatas com participação de mulheres remando:

Foram transferidas para o dia 21, as festas que o Clube Campineiro de Regatas e Natação devia ter realizado dia 7. Com isso nada se perderá, pois o espaço de tempo que medeia entre as duas datas, permitirá que as provas se tornem mais interessantes, dado o maior preparo dos respectivos concorrentes e das concorrentes, porque é preciso que se note que também haverá provas, nas quaes tomarão parte distintas senhoritas da nossa melhor sociedade. (Revista “A Onda”, nº 7, n.p., 14 de agosto de 1921)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa apresentou breve análise do que foram essas mudanças ocorridas no final do século XIX e início do século XX com relação ao ser humano e a natureza, e como elas refletiram na construção de um clube às margens do Rio Atibaia. O clube, dessa forma, trouxe a tranquilidade e o ar puro que começava a diminuir na cidade, além da diversão traduzida em festas náuticas, bailes, passeios, piqueniques, remo, natação, atletismo, jogos ao ar livre e outros momentos que levavam o contentamento aos seus habitantes e a valorização de uma vida ao ar livre.

## REFERÊNCIAS

- BARGAS, Carlos Alberto. **Regatas 100 anos**. Campinas, SP. D7 Editora, 2019.
- BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da história, ou, o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BOURDIEU, Pierre. "Como é possível ser esportivo?" In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia** (pp. 136 – 163). Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre-RS: Zouk, 2007.
- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Edusc, 2004.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991.
- FURTADO, Heitor Luiz; QUITZAU, Evelise Amgarten; SILVA, Marcelo Moraes e Silva. Blumenau e seus imigrantes: apontamentos acerca da emergência de uma cultura física (1850-1899). **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018, p. 665-676.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a prática**. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005), p. 85-100, 2005

KIRK, David. Physical culture, physical education and relational analysis. **Sport, education and society**, v. 4, n. 1, p. 63-73, 1999.

LAPA, José Roberto do Amaral. **A Cidade: Os Cantos e os Antros**. Campinas 1860-1900. São Paulo: Edusp, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LUCENA, R. **O esporte na cidade: aspectos de um esforço civilizador brasileiro**. Campinas: Autores Associados/ CBCE, 2001.

MELO, Victor Andrade de. **Dicionário do Esporte no Brasil: do século XIX ao início do século XX**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten ; SOARES, Carmen Lúcia. Práticas educativas e de divertimento junto à natureza: a cultura física em Curitiba (1886-1914). **Educação e Pesquisa** (USP. Impresso), v. 44, p. e178293, 2018a.

MORAES E SILVA, Marcelo; QUITZAU, Evelise Amgarten. A cultura física na cidade de Curitiba: a emergência de uma pedagogia corporal (1899-1909). **Revista de Ciências Sociais** (CHILE), v. 27, p. 275-302, 2018b.

NICOLINI, Henrique. **Tietê: o rio do esporte**. São Paulo: Phorte Editora, 2001.

PALOMBO, Darci Maria Pascoal. **Clube Campineiro de Regatas e Natação – Oitenta e dois anos de História, Oitenta e dois anos de Glórias**. [s.l.] Bandeirantes Indústria Gráfica, 2000.

SIQUEIRA, Sandra Aparecida de. Campinas: seus corpos, suas águas (práticas corporais aquáticas no início do século XX). **Dissertação (Mestrado)** - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2009.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: Raízes Europeias e Brasil**. 1ª. Ed. Campinas: Autores Associados, 1994.

SOARES, Carmen Lúcia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). IN: SOARES, Carmen Lucia. **Uma educação pela natureza**. (p. 9-45). Campinas: Autores Associados, 2016.

THOMAS, Keith. O homem e o mundo natural: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). **São Paulo: Companhia das Letras**, v. 544, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.